

EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira ás 10 horas da manhã; aos Srs. que, o mais tardar quatro horas depois, o não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar; para se providenciar.

CONHECIMENTOS UTEIS.

GUERRA ENTRE AS AMOREIRAS BRANCAS E AS MULTICAULIS.

2656 Na *Revolução de Setembro* do dia 24 de janeiro passado vem um annuncio, que bem se pôde chamar um cartel de desafio, que algum D. Quichote de viseira calada lançou no campo das amoreiras contra as multicaules e as macrophyllas, em nome das amoreiras brancas.

Qual seja o motivo d'estas inesperadas e não provocadas hostilidades contra tão lindissimos e uteis arbustos, que o desafiante bem mostra não conhecer, não sabemos nós ainda, apesar de que não seja difficil conjectural-o. O conde Balthazar Castiglione na sua immortal obra, intitulada *Il Cortigiano* (O Cortezão), diz que não é permittido pelas regras de cavalleria manifestar o nome de pessoa mascarada ou escondida no mysterio do anonymo: por isso nós, respeitando o incognito do annunciante, não indagaremos as razões d'esta guerra tão injustamente declarada a todas as qualidades de amoreiras, exceptuando só as brancas, que o annunciante offerece para vender no *Largo das Duas Igrejas em Lisboa*.

Recapitulando o que já temos publicado em muitos artigos a respeito da immensa utilidade das duas novas variedades de amoreiras, introduzidas na Europa n'estes ultimos vinte annos, conhecidas uma pelo nome de *multicaule*, e a outra de amoreira *macrophylla* de Cantão, ou amoreira *alpina* do professor Moretti, limitar-nos-hemos a dizer, que d'estes utilissimos arbustos se vão cobrindo campos de immensa extensão na Italia, na França e nos Estados-Unidos d'America, onde ha poucos annos, se vendiam a nove centos réis o pé: tanto e tão geralmente é reconhecida a superioridade das sobredictas duas variedades a todas as outras qualidades de amoreiras. Os Srs. Bonafous, Lomeni, Beltrami, e muitos outros célebres naturalistas e agronomos declararam, depois de ter feito muitas e variadas experiencias, que os bichos alimentados com folhas de *multicaule* ou de *macrophylla*, produzem maior quantidade de seda, e que a fêvra d'esta é muito mais fina, elastica e forte. A *macrophylla* tem além d'isso a grande vantagem de resistir a qualquer grau de frio, crescendo muito depressa e até nas vallas mais selvaticas dos Alpes.

A' vista d'isto estamos certos de que os nossos leitores não se deixarão embair facilmente pelas asserções do annunciante do *Largo das Duas Igrejas*; o qual, se porventura não pôde obter a venda das amoreiras brancas que vae arrancando da sua quinta, aproveite-as em fazer *palitos phosphoricos*, e deixe-se de fallar em materias de que não intende.

Um namorado das amoreiras.

FEVEREIRO — 8 — 1843.

Escreve-nos o Sr. Bento Alexandre Jorge, dizendo que em 10 de abril do anno passado deitára na caixa dos requerimentos da Exm.^a Camara municipal d'esta cidade, o memorial — que hoje nos envia (e abaixo inserimos), sem ter obtido solução alguma, pelo que nos pede o publicemos para d'est'arte chegar ao conhecimento de quem direito fôr.

Pede o Sr. Jorge que se evite o desperdicio da folha das amoreiras publicas da capital e suas visinhanças, como até agora tem acontecido por um desleixo a que é mister acudir quanto antes, como propõe; ponderando que se não deixe desbaratar a folha d'este anno, como succedeu á do passado, não obstante a sua rogativa e proposição feita á camara.

Achâmos mui urgentes e cordatas as indicações feitas pelo nosso correspondente; e esperâmos que a Exm.^a Camara ha-de prover com o remedio que achar mais a proposito, para se obter o maior aproveitamento e accrescimento do pasto para o bicho de seda.

AMOREIRAS PUBLICAS.

MEMORIAL Á CAMARA MUNICIPAL.

Illm.^a e Exm.^a Camara Municipal de Lisboa.

Nisi utile est quod facimus stulta est gloria.

2657 ¿Que proveito se tira das amoreiras plantadas, e tractadas por essas praças da cidade, e suas visinhanças? Supponho que nenhum: e com tudo a quantidade d'ellas já me parece sufficiente para produzir valores que muito bem valham a pena de se aproveitar. Não tenho por certo noticia da totalidade d'ellas, mas andam por 800 as de que tomei nota no fim do verão passado, e eis-aqui essa nota:

192 no Largo das Amoreiras ao Rato — 30 ahi mesmo juncto á mãe d'agua — 44 no Campo de Sancta Anna — 22 em Arroios juncto ao palacio do conde de Linhares — 18 pouco adiante d'Arroios em o largo na estrada para a Charneca — 22 juncto á igreja do Coração de Jesus — 9 no Passeio Publico — 4 no passeio de S. Pedro d'Alcantara — 2 no jardim dicto — 38 na Praça da Figueira — 7 no Largo do Carmo — 6 no Largo do Cães do Sodrê — 7 no Largo de S. Paulo — 2 juncto á fundição do Campo de Sancta Clara — 3 no Campo da Parada á Cruz dos Quatro Caminhos — 13 no pateo da alfandega grande — 90 pouco mais ao menos no Castello de S. Jorge — 789. — Além d'isto ha ha em terrenos particulares, que eu saiba, as seguintes: — 27 á beira da estrada, no Campo Pequeno — 26 ao Rato na quinta contigua á fabrica do Sr. Manuel Joaquim Jorge — 3 á Costa do Castello — 49 á entrada para o asylo da mendicidade. — Sommam 894 amoreiras brancas. Tambem d'estas ha bastantes na quinta das Larangeiras, e accrescentem-se finalmente as amoreiras pretas que ha por essas hortas.

A' vista d'isto, lembro á Exm.^a Camara municipal e solicito d'ella, por interesse do municipio, que forme um regulamento para se aproveitar a folha de todas as amoreiras, colhendo-a por modo que se evite o estrago das arvores.

Muito folgaria eu se a Exm.^a Camara adoptasse a resolução de, por um certo praso, dez annos por exemplo, mandar crear o bicho por sua conta, seguir depois o preparo da seda, e por ultimo fazel-a reduzir a obra, para ser vendida n'uma especie de leilão patriotico, cujo producto liquido fosse applicado a crear um capital permanente, o rendimento do qual

se destinasse á conservação e augmento d'amoreiras dentro do municipio. Este capital muito bem poderia ser constituido em titulos de divida nacional interna, havidos em trôco d'outro de divida externa resgatada.

Voltando porém ás amoreiras; é verdade que algumas são bastantemente insignificantes, umas por enfezadas, e outras por muito novas ainda, mas a muito maior parte são de bastante producção, e em todo o caso convem principiar, embora seja por pouco, que este mesmo pouco poderá tornar-se grande, mediante o artificio do leilão patriótico. O deixar perder a utilidade publica, que d'aqui pôde colher-se, converte em stulta gloria da Exm.^a Camara, os seus cuidados, tanto em mandar plantar, como em tractar d'estas arvores tão prestadias. E. R. M.

Lisboa 10 d'Abril de 1843.

Bento Alexandre Jorge.

ARROZ DE SEQUEIRO.

2658 Em abril do anno passado, requeremos a qualquer lavrador, que possuísse a semente do arroz de sequeiro, tivesse a bondade de remetter d'ella alguma porção a este escriptorio, para d'aqui ser mandada a outro lavrador, que desejava começar a cultivar-o: como ninguem, até hoje accudisse á rogativa, — aqui a renovamos, sollicitados pelos desejos de outro assignante nosso, e pela razão da publica utilidade. — Se alguém d'esta vez se resolver a fazer este pequeno, porém muito prestavel serviço, lembremos-lhe — que muito convirá accrescentar o presente com a instrucção, explicando em carta, para ser impressa, o modo, que se ha-de ter n'este genero de cultura.

EMPRESA PARA A NAVEGAÇÃO DO TEJO.

2659 No *Diario do Governo* de 15 do passado lemos uma noticia, que reputamos muito importante, sobre a navegação do Tejo de Villa-Nova-da-Rainha até Abrantes, que uma empresa, que se projecta estabelecer, tomára a si; como tambem a navegação do Sado, e a construcção de differentes estradas, que de diversos pontos do Alemtejo, Beira, e Extremadura, conduzam ao Tejo; propondo-se além d'isso melhorar este rio para a sua boa navegação, quanto á empresa for possivel, e segundo os auxilios que para isso o governo lhe prestar.

N'este nosso paiz, que tão rapidamente se tem empobrecido, depois que o oiro deixou d'entrar pela foz do Tejo; onde os cabedaes são quasi unicamente empregados nos emprestimos nacionaes e na agiotagem; onde o commercio externo é mui limitado, e o interno quasi nullo; onde a industria é lenta e tardia; n'este nosso paiz, quasi virgem d'este genero d'empresas, sem estímulo para ellas, e ainda sem gosto para especulações de tal natureza; pareceu-nos logo, que esta empresa, ainda mesmo quando realmente não fosse de tamanha utilidade como se nos figura, deveria ser animada e ajudada pelo governo, quando mais não fosse, para fomentar outras da mesma natureza, e dar impulso ao commercio interior que tanto precisa d'elle.

Mas n'esta empresa dão-se vantagens de muita importancia, como logo veremos, e além d'isso ha outras razões porque na generalidade não é menos importante. O nosso paiz cortado de rios, a maior parte

navegaveis, não tem comtudo uma navegação interior — não tem um canal; as suas vias de communicção terrestre são pessimas e lentissimas; os seus generos quasi que não teem transporte possivel; entre nós ninguem pôde transitar por divertimento, e a todos custa fazel-o ainda por necessidade. D'aqui a pobreza de muitas terras do reino, que aliás tinham elementos para serem importantes; d'aqui o empobrecimento progressivo e geral do paiz, a falta de animação na industria, e o atraso da civilisação. Isto tem sido mil vezes repetido, está demonstrado, e é por todos reconhecido: ora, parece-nos logico, que sendo uma grande parte d'estas necessidades communs do paiz, obviadas pela empresa da navegação do Tejo, todo o auxilio, que for compativel com a justiça, lhe é devido, e será uma obrigação nacional prestar-se-lhe.

Soubemos pois com muita satisfação, que o governo tinha posto a concurso esta empresa, e que a tinha tomado na consideração de que ella é digna. E como se tracta sériamente d'este objecto, e os interesses materiaes do paiz são para nós quasi tanto como os moraes, a coisa que mais amor nos deve n'este mundo, procuraremos fazer algumas considerações na especialidade do objecto.

Não sabemos quaes são as condições que a empresa apresentou ao governo; mas supponmos que se tracta de um privilegio; e como entre nós ha quem, apesar de quasi nada termos, se pronuncie muito contra os privilegios para que nada hajamos de ter, força é que comecemos por examinar esta questão.

A navegação fluvial é conhecida (dizem os nossos adversarios), os meios hydraulicos de a executar são sabidos; logo n'isto não ha invenção: a navegação do Tejo por vapor já está introduzida entre nós; logo n'isto não ha introdução: consequentemente a empresa é só de monopolio, e os monopolios não devem nem podem permittir-se — o privilegio não ha de conceder-se.

A navegação fluvial, não obstante ser conhecida e praticada em todo o mundo, ainda não está, porque o não pôde ser, satisfatoriamente systematisada em toda a parte; as circumstancias peculiares de certos rios, tornam muitas vezes impraticavel uma construcção hydraulica, que, á primeira vista, parecia preencher todas as condições necessarias; e os homens versados n'esta arte veem-se muitas vezes na precisão, não de construir barcos para certos rios, mas de accommodar estes rios ás suas construcções. O nosso Tejo tem no seu grande curso embarços de toda a especie, e ainda que estes se achem parcialmente vencidos n'outros rios, a reunião de todos n'um só annullará certamente os diversos meios adoptados em outras circumstancias: e ainda mesmo o emprêgo do reboque por vapor, já conhecido, não poderá ser applicado ao Tejo sem grandes modificações. Assentamos pois que se os meios porque a empresa projecta navegar o Tejo, não são realmente novos, hão de necessariamente ter circumstancias de applicação, que pelo menos lhe deverão merecer o privilegio de introdução ou de *aperfeiçoamento*, o que a legislação ingleza olha como invenção. Mas quando não merecesse nenhum d'estes privilegios pela natureza dos meios empregados e fórma de os empregar, o privilegio seria, não obstante, merecido pela qualidade, vantagens e resultados da empresa; porque esta vae servir

d'exemplo e estímulo a outras analogas; e porque é a primeira que se estabelece d'este genero.

Os privilegios não são, nem deviam ser unicamente para auxilio economico e sustentação das empresas, os privilegios são tambem uma animação, e como que reconhecimento, que excita e assegura o bom exito dos empreendedores. Se um homem, ou uma companhia, que primeiro inventa, introduz, aperfeioa ou lembra, note-se bem, um projecto proveitoso, se desconsiderar, e se se deixar livre a qualquer vontade especular com as fadigas, idéas ou pensamentos alheios, é claro e consequente que se permite um roubo, e se tolera um tráfico illicito e nocivo ao paiz por seus máos resultados. Por outro lado, se a principio se deixa demasiado franca a concorrência em objectos que demandam avultadas despesas e perseverança, os empreendedores começarão guerreando-se, e hão de acabar por se arruinarem a si, e anniquilarem a empresa, que é a consequencia as mais das vezes inevitavel.

Demais, o nosso reino está n'um caso excepcional, que obriga a limitar a liberdade do commercio interior a uma legislação especial, sem a qual nunca nos poremos no caminho da prosperidade; uma vez ahí lançados, então a liberdade de concorrência é de justiça, de razão e de proveito; mas digam agora a um capitalista, ou uma companhia, que retire os seus capitães do gyro d'agiotagem, onde ganha mais de 50 por cento por anno, e que os vão empregar em estradas, canaes, navegação interior, colonias agricolas, etc., etc., onde, quando sejam muito felizes, ganharão 10 ou 12 por cento?

Por mais bella que uma coisa seja em these, os inconvenientes da applicação podem ser taes que obriguem a desprezal-a. ¿E, porventura, na empresa de que tractamos não deverão entrar em conta as vantagens que ella apresenta ao paiz, ao governo, e aos particulares, quer proprietarios, commerciantes ou consumidores? ¿O melhoramento do Tejo não valerá uma concessão? ¿A feitura e melhoramento das estradas d'Elvas a Alter-do-Chão e a Abrantes, de Castello-branco ao Tejo, de Coimbra pelo Pombal, Alvaizere a Ferreira, até Constancia, de Leiria ao Tejo, d'Evora a Porto d'El-rei, de Beja a Porto d'El-rei, não valerão uma concessão? ¿O rapido e seguro transporte das tropas, agentes do governo, malas, officios etc., não merecerá ser attendido? ¿O augmento da receita da alfandega das *septe-casas* pela affluencia de generos na capital, não merecerá ser ponderado? ¿A facilidade das communicações dentro de um circulo de mais de cem leguas, com todas as consequencias sociaes que d'isso resultam, não são para considerar? ¿A barateza dos generos no mercado, o breve transporte de gados, azeite, vinhos, trigos, madeiras, lãs, fructas, e todas as produções de quatro provincias abundantes em tudo isto, e sem perigo de roubo nem de adulteração, por menos de metade do que actualmente custam a conduzir, será coisa de tão pequena monta para o interesse geral, que não seja digna da maior sollicitude do governo e dos povos?

Julgamos este objecto de tão grande transcendencia que não abriremos mão d'elle, sem outras considerações que nos occorrem: comtudo para não alongarmos demasiadamente este artigo, esperamos tambem ser habilitados com informações mais cabaes do que as que

possuimos para voltarmos ao assumpto; não concluiremos porém sem dizer, que estando convencidos de que esta empresa é de summa vantagem e grandissimos resultados, e que deve ser animada e protegida, cumpre todavia ao governo regular as suas concessões, e considerar as condições d'ella com prudencia, para que nem conceda mais do que é preciso, nem a embarace ou a arruine por causa de mal applicadas theorias administrativas. No desempenho d'estes delicados deveres, é necessario que os governos sejam justos e previdentes; é quanto a nação póde exigir d'elles, porque os elementos da prosperidade d'ella estão no povo.

Silva Leal.

MACHINAS DE VAPOR.

2660 SAIU á luz *Instrucção pratica sobre as machinas de vapor pelo Sr. Fernando Luiz Mousinho d'Albuquerque*. Incompetentes para julgar por nós mesmos esta obra, consultámas a respeito d'ella o Exm.^o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão: eis-aqui a resposta que S. Ex.^a se dignou dar-nos e que não desinvolveu como quisera, pela difficuldade em que o tem posto para trabalhos litterarios, uma cataracta que S. Ex.^a receia degenerar em cegueira.

«A instrucção pratica sobre as machinas de vapor é uma obra muito util para quem é destinada, como diz o seu illustre auctor: pois é certo que já temos grande numero de portuguezes que sabem fazer trabalhar as machinas e se acham empregados nos barcos de vapor e nas fabricas de que ellas são motores. Mas estes homens (pela maior parte) não tem estudos nem principios; aprenderam rutineiramente com os estrangeiros, e se acaso acontecer nas referidas machinas algum desarranjo que nunca vissem, ficam estupefactos sem poder remedial-o. Alem d'isto, correm grande risco de vida; porque sem o saberem nem podem prevê-lo, é facil que sejam causa de alguma explosão. Por conseguinte, o Sr. Fernando Luiz Mousinho de Albuquerque fez um grande serviço á sua patria, ás artes fabris e sobre tudo aos individuos que houverem de ser encarregados do trabalho de dirigir estas machinas, publicando o seu manual pratico, explicito e muito intelligivel, em que se explica a theoria de tal maneira que fica ao alcance de todos os que souberem ler e tiverem uma razão clara. Pela mesma maneira lhe dá conhecimento de todas as peças importantes d'aquelle machinismo, do methodo de assentar as caldeiras, conduzir o fogo etc. Nada tínhamos até agora escripto em portuguez e por isso é digno da publica estimação e de grande elogio.»

FUNDIÇÃO E FABRICA DO SR. COLLARES.

(Carta.)

2661 ENVIO, a V. uma circular que o Sr. José Pedro Collares Junior mandou aos seus amigos dando-lhe parte do estado em que se achava a sua nova fabrica de fundição de ferro e bronze. Tudo quanto alli diz é exactissimo e até escripto com uma grande moderação e modestia propria de portuguezes, que não costumam exagerar as suas coisas.

Mas eu, que tenho visto e examinado a dicta fabrica, posso dizer que ella é estabelecida em grande escala, e capaz de fazer obra para o consumo de uma grande parte do reino e até para exportação logo que esteja completa de todo. Alli se acha estabelecida uma

officina de serralharia muito perfeita com excellentes forjas e grande variedade de tornos: ficará egual ás melhores das nações estrangeiras, logo que lhe chegue o grande torno de calibrar e lavrar metaes que faz tenção de comprar em Inglaterra; mas assim mesmo com os instrumentos que tem, já alli se concertam as machinas de vapor, e está fazendo uma nova para motor da mesma fabrica. O forno de fundir ferro fundiu um d'estes dias cem arrobas d'elle em cinco horas. Quanto á officina de caldeireiro e pichelleiro, bem sabido é que não havia outra melhor em Lisboa. O pavimento d'esta fabrica é muito enxuto e livre das mais altas marés; pois fica nove palmos acima do nivel da rua que separa esta da outra grande fabrica do Sr. Jacinto Damazio, requesito muito bom para as fundições de ferro que são feitas em moldes enterrados no chão. Os armazens do Sr. Collares estão muito bem sortidos de cobre em chapa, e de tudo o mais que alli se gasta; o terreno e casas são propriedade sua, e por todas estas razões ajuizo que esta fabrica, toda creada e dirigida por portuguezes, ha-de resistir aos erros e vicios de legislação (caso os haja, destruindo-se o systema das pautas) e resistirá tambem ás insidias invejosas de alguns estrangeiros, que não podem ver fabricas em nossa terra; porque o dono d'ella, o director, o guarda livros e mais empregados são todos da mesma familia: é uma sociedade composta do pae e filhos, todos portuguezes no nascimento e nos sentimentos.

Eis-aqui o que posso dizer por agora, e para outra vez lhe darei, segundo me pede, uma breve noticia da fabrica do Sr. Jacinto Damazio, e tambem da do Sr. Bachelay; pois egualmente são dignos de elogio. Este rapido e grande desinvolvimento da nossa industria responde bem aos argumentos d'aquelles politicos nacionaes que nos querem fazer uns simples cavadores da terra e humilissimos admiradores das manufacturas estrangeiras.

Sou de V. etc.

Lisboa 2 de fevereiro 1844.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

Illm.º Exm.º Sr. — Tenho a satisfação de participar a V. Ex.º que para augmentar a minha antiga fabrica de machinas de destilação, de hydraulica etc. mudei-a e mais a minha habitação, escriptorio, e armazens para mais espaçoso local no largo do Conde Barão n.º 3 A, á Boavista, aonde me proponho continuar a fabricar as dictas machinas de destilação, de hydraulica para levantar agua a todas as alturas, de vapor para servirem de motor, caldeiras, ou outros elementos das mesmas machinas, tanques de ferro para aguadas de navios, fogões de salla, ou de cozinha, e em geral todas e quaesquer obras pertencentes ás diversas officinas, de que se compõe a referida minha fabrica, a saber: 1.º — Fundidor de cobre, vulgo caldeireiro; 2.º — pichelleiro; 3.º — latoeiro de fundição; 4.º — ferraria; 5.º — Serralharia; 6.º — torneiro de todos os metaes, e de madeira; 7.º — fundição de ferro; 8.º — carpinteiro de navios para fabrico dos mesmos. Caldeiras, o terreno para deposito de madeiras proprias, ou de conta alheia; armazem de cobre, ferro, estanho, e chumbo, aonde venderei pelos preços do mercado. Conservarei uma loja de venda, no antigo local da rua Augusta n.º 160, aonde estará quem re-

ceba encomendas, e as pessoas, que se incommodarem em ir ao novo local. A bella situação d'este estabelecimento, pela boa serventia que tem tanto para o mar, como para a terra; a extensão do terreno, reunião de todas as officinas, e mais commodidades, que facilitam uma boa fiscalisação, e economia de costeamto, tudo me habilita a confiar, que hei de produzir as minhas manufacturas o mais per cetas, solidas e baratas, que for possivel.

As pessoas, que me quizerem obsequiar com as suas ordens, podem ter a certeza de encontrar as vantagens, que deixo expendidas, garantidas pela minha natural disposição de dar bom cumprimento aos meus deveres. Espero portanto, que quando V. Ex.º precise de qualquer das mencionadas manufacturas, ou mesmo d'algunha outra não mencionada, mas pertencente a qualquer das supradictas officinas, queira concorrer com as suas ordens, animando um estabelecimento puramente nacional, e de utilidade reciproca, na certeza de que ha de encontrar economia, perfeição, solidez, e boa fé no desempenho das obras; e se V. Ex.º quizer um dia honral-o com a sua visita, será alli recebido com muito prazer pelo proprietario, que tem muita honra em se assignar

De V. Ex.º muito ven.º

Lisboa 20 de dezembro 1843.

Por meu pae o Sr. J. P. Collares

José Pedro Collares Junior.

PROVAS PRATICAS DO SABÃO HIDRÓFUGO-PIMENTEL.

(Carta.)

2662 PREPAREI os dois pedaços de casimira, que juntos lhe remetto, com o sabão composto pelo Sr. Dr. Pimentel á imitação do de Menotti; e obtive os mesmos resultados que havia alcançado com o sabão francez, porque tendo cheios d'agua os dois pedaços de casimira desde 24 do passado até hoje 3 de fevereiro, um pelo direito, e o outro pelo avesso da fazenda, em nenhum d'elles a agua ressumou até agora, e nem o lado exterior do panno apresentou se quer uma cõr de humidade. Entretanto devo dizer que noto bastante dessimilhança entre o sabão do Sr. Pimentel, e o de Menotti, emquanto á apparencia, sabor, cheiro, adherencia das partes de que se compõe, e solubilidade na agua quente.

É o que posso dizer a V. que nos dois pedaços de panno que remetto, poderá certificar-se da efficacia do sabão composto pelo Sr. Pimentel.

De V. etc.

Lisboa 5 de Fevereiro.

N.B. Ambos os supramencionados pedaços de casimira podem ser vistos e experimentados no escriptorio da *Revista Universal*; e adverte-se — que o experimentador preferiu fazenda já usada para tornar a virtude da receita ainda mais notoria.

No mesmo escriptorio se acha á venda uma pequena porção do sabão Menotti — a tresentos reis a quarta avantajada.

CIRURGIÃO DA SOLITARIA.

(Carta.)

2663 EM o n.º 24 do seu acreditado periodico vi a noticia, que, do chamado *Cirurgião da Solitaria*, dá uma sua correspondente, que, por nimia modes-

tia, se intitula — *Obscura Portuense*. — Esta noticia excitou em mim o desejo de rectificá-la em parte, e de amplial-a com algumas informações, que me deu o proprio cirurgião de que se tracta. Muito me obsequiará V. e muito serviço fará ao publico (intendo eu), se quizer consagrar uma columna do seu jornal á inserção d'esta minha carta.

Estando eu no Porto, em junho ou julho de 1842, tive occasião de encontrar-me com o chamado *Cirurgião da Solitaria*. Travei conversação com elle, e fallámos largamente do remedio.

Antes porém de referir o que pude colher d'esta conversação, ou, para me explicar mais exactamente, o pouco que d'ella conservo; rectificarei a parte inexacta da noticia, que foi dada a V. pela sua estimavel correspondente. O homem não é de Barcellos; assiste em Villa Nova de Famalicão, e disseram-me que d'ahi era natural.

De informações, que me deram pessoas conhecidas do cirurgião, e d'algumas palavras, que lhe ouvi, resulta que elle frequentou (não direi ao certo se por um, se por dois annos) a eschola medico-cirurgica do Porto.

É exactissimo o que diz a sua correspondente, em quanto ao desinteresse d'aquelle cirurgião: sendo chamado ao Porto, vence as dez leguas que tem de caminho para chegar de novo a sua casa; applica o remedio, que traz preparado; espéra que elle produza effeito; e por tudo isto não exige mais que 2:400 rs.!

O numero de solitarias que havia extraído, ao tempo em que eu lhe fallei, passava de trezentas. Conserva n'um livro o nome dos individuos a quem tem livrado d'aquelle horrivel flagello. Contou-me que o caso mais raro, que tinha visto, succedêra a um velho, que estava tocando os 80 annos no dia em que tomou o remedio. Depois de beber a segunda dóse (um cópo de liquido de tres ao quartilho) começou a sahir a ténia, verdadeiramente admiravel pelo comprimento e pela grossura. Correu o cirurgião a um tanque, que estava proximo; lavou o verme; e conheceu então que, em vez de uma, eram duas solitarias que o remedio havia extraído: o comprimento de ambas andava por 80 varas!

Este remedio é, segundo pertende o possuidor do seu segredo, e segundo attestam tantos factos, não só efficaz, mas infallivel: affirma o cirurgião que ainda lhe não falhou uma só vez. Ha certos signaes no rosto, por onde elle conhece se o individuo, que se queixa da solitaria, a tem effectivamente; e por isso resiste a confiar o remedio, quando lh'o pedem para pessoa não examinada por elle.

Perguntei-lhe se o remedio poderia ser applicado, quando se davam outros padecimentos além dos produzidos pela solitaria. Respondeu-me que não, e mencionou tres ou quatro molestias que implicam com o uso d'aquelle remedio: sinto não as conservar todas de memoria; apenas me lembro da hemoptise.

Não havendo complicação ou aggregado de molestias, assevera o cirurgião que o seu remedio é de todos o mais innocente. Se por ventura a pessoa, que tem de tomal-o, manifesta alguma repugnancia ou recêio, tracta o facultativo de inspirar confiança por um modo mui convincente: tira da garrafa, em que traz o remedio, duas porções eguaes — hebe a primeira — e dá a segunda ao paciente.

Não tencionava eu, quando fallei com o cirurgião da solitaria, escrever esta carta; por isso não tomei nota de muita coisa, que lhe ouvi, e que hoje não posso repetir por falta de lembrança.

Sei que entre as pessoas, que devem a restituição da sua saude a este milagroso remedio, se conta o filho primogenito do ministro do reino, que foi de proposito ao Porto e voltou de lá curado.

Lembro-me que durante a conversação, de que dou conta a V., pedi muitas vezes ao cirurgião que, para proveito seu e proveito da humanidade divulgasse pelos jornaes ou por outro meio que lhe parecesse mais adquado, as virtudes do seu remedio. A estas instancias respondeu que, tinha escripto uma memoria em que tractava largamente o assumpto; mas que duas rasões o haviam sempre persuadido ao silencio — 1.^a a convicção em que estava de que tal memoria não merecia, pelo seu stylo, as honras da publicidade; 2.^a o recêio que tinha de se ver confundido com tantos charlatães que andam por esse mundo.

Aqui tem V., Sr. Redactor, o breve additamento que posso fazer á noticia que lhe foi dada pela sua correspondente portuense. A V. Pertence agora corrigir em parte a mal entendida modestia d'aquelle cirurgião; tirando do quasi segredo em que se acha um remedio que deve chegar ao conhecimento de todos.

Sou, etc.

Antonio Pereira dos Reis.

Rogamos ao Benemerito facultativo, que, annuindo aos desejos do nosso zeloso correspondente, aos nossos, e certamente aos de todo o publico, se digne fazer mais um serviço á humanidade, publicando o seu tractado, ou remettendo-o a esta redacção, que immediatamente o insirirá entre os artigos, que ella a todos prefere, os de conhecimentos uteis e de credito nacional.

Aos dois ponderosos documentos, que da bondade do novo remedio apresenta a nossa correspondente do Porto e o Sr. Reis, podemos ainda accrescentar terceiro, e summamente respeitavel, e é a confirmação, que de todo o expellido nos fez o Sr. Agostinho Albano da Silveira Pinto: segundo elle mesmo presenciou, o afamado cirurgião não só cura com certeza, mas nunca já mais se engana quando logo no primeiro relance, decide se na pessoa que se lhe apresenta ha ou não a solitaria.

Em Hamburgo houve, pelo fim do seculo passado, um medico, igualmente possuidor de uma receita infallivel para tal molestia. A receita ficou por sua morte a seus herdeiros, e se ainda hoje se conserva o monopolio na familia, não é por falta de diligencias que o senado fizesse para lh'a comprar, a fim de lhe dar publicidade e poupar a pessoas de todas as partes da Allemanha o descómmodo de írem curar-se lá tão longe.

Intendemos que sendo possivel, o governo deveria diligenciar que o nosso cirurgião da solitaria lhe vendesse para utilidade commum, o seu segredo.

DA ORAÇÃO DO CHRISTÃO.

2664 Procuramos analysar o discurso, que o Sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* estampou no 2.^o numero do jornal do *Christianismo*, e que já no precedente do nosso deixámos trasladado fielmente. Entramos na dispu-

ta, repassados da veneração devida aos annos, á sciencia, á virtude, e a uma piedade profunda e sincera; mas convencidos de que, por nós, levamos a verdade: — e verdade das que não é licito dissimular. Longe de nós o presumir, que o nosso (a tantos respeitos) mestre pertendesse á cinte negal-a ou escurecel-a; temos porém por indubitavel que o seu escripto, ou por curto, ou por á pressa feito, ou por ambas estas causas, apresentou, para ser commungado pelas turbas, um pensamento, que não era o seu, como também não é o da egreja.

S. Ex.^a, eremita philosophico, tem a sua vida perpétua n'uma região muito alta, — d'onde, enxergando apenas os homens, lhe não é possível conhecê-los: — acontece-lhe então o que a todos os solitários acontece; — faz dos homens um homem, e esse formado á sua imagem e similitude. S. Ex.^a imaginou talvez, que o vulgo dos leitores era perfeitamente illustrado nas doutrinas religiosas, — que era firme e zeloso na sua crença, — e sobre tudo que tinha os meios intellectuaes e o habito de proceder de consequencia em consequencia, desde o primeiro principio que se lhe apresentasse, até ao mais remoto resultado; e isto, sem que nem fraqueza, nem paixões, nem erros, nem externos impulsos, o desviassem da linha recta do raciocinio; e sobre este presupposto, reputando que da meia verdade do seu artigo se podia inferir a outra meia, cuja ausencia o deixaria erroneo, não hesitou em derramal-o: mas — outra vez o dizemos — S. Ex.^a tem a feliz desgraça de desconhecer o seu seculo na sua terra, e a sua doutrina expressa foi diversissimamente recebida; — pelos christãos devéras, com escandalo; pelos tibios, com indifferença; pelos philosophos, como contradictoria; pelos scepticos e espiritos fortes, como um subsidio na parte, em que o podia ser, á impugnação dos milagres.

Se S. Ex.^a bem soubéa o como a oração, alma e essencia do culto, se tem entre nós amortecido e rareado; se visse — como até das familias antigas, onde ella era parte quotidiana das refeições, e onde se cria que a benção do pae era confirmada pela de Deus sobre os filhos e os servos, ella tem quasi inteiramente desaparecido, — como até debaixo de muitos tectos de cólmo ou loisa, nas aldéas serranas, se vae trocando o terço pela discussão politica, e muito lavrador já não accóde á egreja, senão quando no meio d'ella o chama a urna eleitoral, — como o domingo se profana igualmente com o que se faz, e com o que se deixa de fazer, — como as mulheres e até as mães, os homens e até os velhos, sorriem e se envergonham d'este exercicio, — como innumeraveis ministros do altar e até parochos, postos por Jesu Christo para luz do mundo e sal da terra, não apparecem a entoar as preces das turbas, senão sobre posse e automaticamente, hystriões do templo, menos conscienciosos muitas vezes que os do tablado, — se visse como com o orar se tem ido relaxando toda a mais observancia catholica e por ahí também a fé, a ponto de que na opinião geral já valem mais duas pranchas de castanho ou de pinho, que as duas taboas da lei, — conheceria haver feito com a sua theoria um grave damno, que a nós, que a todos, mas que a elle principalmente, incumbe, quanto ainda se possa, remediar. Cuidando espertar a alampada da fé que é a oração, entornou, sem se sentir, uma parte do oleo que a alimentava, que é o proveito imme-

diato e temporal o unico talvez bem intelligivel n'esta era. O tédio, que geralmente havemos á oração, não hão-de ser abstracções metaphysicas, e especulações theologicas as que o curem. Antes do espirito está o corpo; — antes do homem do céu o homem terrestre que o envolve; — antes dos desejos do desconhecido e remoto, o amor do proximo e conhecido. O nosso caminho para o firmamento não póde ser senão pela terra, onde somos, com que somos, e de que somos.

Já se vê pois, que não é com a pessoa do sabio, que nos affoitas a pelejar, mas com o escripto que não é elle, nem o representa no sentido, que geralmente se lhe attribue: e por mais que provavel temos, que o mesmo auctor, que parecemos refutar, reconsiderando o assumpto em si e nas suas consequencias, descera á ajudar-nos, e dará ás nossas idéas o grande pêsso da sua auctoridade. Elle tirará evangelicamente a luz debaixo do vaso com que a cubriu, e o altar brilhando e sorrindo, attrairá novamente os desconsolados que já lhe iam desertar.

Resumamos para maior clareza o impugnando discurso de S. Ex.^a

1.^o Principio. — Christo disse — vigiae e orae para não cairdes em tentação.

2.^o Principio. — O christão, inspirado pelo Espirito Sancto envia pelos merecimentos do Divino Mestre as suas supplicas ao throno do Altissimo.

3.^o Principio. — O fim d'estas supplicas não póde ser — lembrar-lhe que necessita do seu auxilio, porque Deus é omisciente.

4.^o Principio. — Tão pouco póde ser — excitar-lhe compaixão, porque elle é infinitamente bom.

5.^o Principio. — Nem igualmente — interessar-lhe o amor proprio, porque da creatura nenhuma gloria póde redundar ao Creador.

Consequencia. — Logo o fim do orar não sendo impetrar, não póde ser outro senão o evitar o perigo da tentação.

Explicação. — Mas como se evita a tentação orando? porque orar é adorar. — Adorar é humilhar-se. — A humilhação é o contrario da soberba, e a arvore da sciencia do bem e do mal, cujo fructo nos sujeitou á morte, significava a soberba.

Orar é adorar a Bondade infinita e a infinita Justiça.

Consequencia ultima. — Orar não é portanto mais que um acto de absoluta sujeição sem mistura de mais nada: orar é synonymo de adorar.

Logo apparecerá como, no sentido da applicação, que d'elles se pertendeu fazer, o 3.^o o 4.^o e o 5.^o principios são falsos, e o 1.^o tomado falsamente, emquanto se julga que n'elle só se encerra toda a explicação do preceito de orar; e d'aqui resultará infallivelmente o conhecimento da falsidade da primeira e da ultima consequencia.

Mas para que todas estas evidencias, que o são, raiem por si mesmas até nos espiritos mais nublados e anoitecidos, seja nos licito fazer, antes de tudo, algumas considerações geraes, ácerca das relações mútuas do Creador e da creatura, ao dúplice facho da philosophia e da fé.

N'este mundo, onde a violada arvore da sciencia ficou derramando por toda a parte as sombras da ignorancia, — n'este pobre mundo, por Deus entregue ás disputações — ¿que é o homem? ¿D'onde vem, como vive, e para onde vae? O berço é mudo; a natureza,

muda; e o sepulchro, mudo. Em tórno d'elle, dentro n'elle . . . nada . . . senão portentos e mysterios. Mas elle começou; — logo o seu ser — emanou de um ser superno, principio de todo o ser, e não destructivel, variavel e contingente, como toda esta materia multiforme e cambiante, com quem o seu corpo se permuta de continuo. Elle vive, discorre e quer: — logo ha um principio que o protege, e de quem emanam todo o intendimento e liberdade: elle tende essencialmente pelas suas cogitações para o infinito e para o bello, pelos seus desejos intimos para a felicidade, — e a felicidade, o bello, e o infinito, de que elle tem uma noção vaga e como que infusa, não se lhe apresentam em lance ou momento algum da vida, — logo devem de estar para além d'ella; e os movimentos secretos do seu coração e do seu espirito não são menos que prophcias de outro mundo.

O homem, no meio da dependencia de todos os objectos circumstantes, onde desde o sol até o perillampo, desde o oceano até á gotta do orvalho, tudo actúa sobre elle, sente-se entretanto livre para querer ou não querer, e, para dentro na orbita de suas forças, obrar inteiramente a seu sabor: — logo se houver uma lei fixa, clara, universal, que lhe aponte constantemente para onde deve pender a sua escolha, — essa lei haver-lhe-ha sido dada por esse ente, seu auctor, e a infracção d'ella deve ser seguida de pena, como de premio a sua observancia.

Que esta lei innata existe, ninguem o ignora; — o seu nome é a consciencia: a que nós chamaríamos a religião dos que a não teem. Ora assim como a appetencia de felicidade é prova de ultteriores destinos, assim a lei da consciencia, cuja sancção na vida algumas vezes chega a enfraquecer-se, revéla que n'outra parte se encontrará o juiz e o julgamento; de cuja existencia póde ainda ser abôno o terror manifesto, que precede á morte. Além d'estas disposições constitutivas, tem de mais o homem a espontanea tendencia, que o leva a desafogar suas penas, e a implorar por todos os modos o alivio d'ellas. O manancial recondito da religião terrestre, a quem chamam poesia, d'aqui se deriva principalmente: — a poesia (e debaixo d'esta palavra não se hão-de compreender sómente as obras dos poetas, mas todos os actos da vida em que influem os affectos) a poesia, repetimos, é uma contínua invocação, já ás potencias invisiveis, já aos entes da nossa especie, presentes ou ausentes, finados e até por nascer,

Exoriare aliquis nostris ex ossibus ultor,
á natureza animal, á vegetativa, á bruta e inorganica: — queixâmo-nos ás arvores, aos ventos; conversamos nos segredos da nossa alma com a lua e com as estrellas; damos beijos na pedra, que para sempre nos esconde um objecto amado. — Esta poesia, que por ser mais ou menos de todos se não póde reputar uma loucura ou uma aberração insignificativa, descobre, que o homem fraco, limitado e dependente é impellido pelo que quer que seja interno para a oração; e só pelo descostume ou impotencia de a remontar até ao seu verdadeiro alvo, a desbarata pelas creaturas fracas, limitadas e dependentes como elle.

Eis-aqui em poucas palavras tudo quanto o homem sabe, menos imperfeitamente, por lhe ser declarado pelo senso intimo — a existencia de Deus, da alma livre, da lei moral, de bem ou mal na vida futura, de necessidade de protectores na presente. — Todo o res-

tante, de que se compõe as chamadas sciencias humanas, são systemas de conjecturas, de verdades se o queis, mas verdades unicamente de effeitos e resultados, permanecendo sempre mysteriosos e indecifra-veis os verdadeiros principios, forças e leis porque se produziram. Por isso emquanto cada seculo, derroca e reconstrue, sob um aspecto novo, todo o saber mundano do precedente, estoutras noções, indemonstradas, se transmittem sempre as mesmas de geração em geração, de idade em idade; a chimica, a physica, a botanica, a medicina de hoje não são as que foram ha cincoenta annos, não são as que d'aqui a cincoenta annos hão-de ser; e a lanterna surda da consciencia acceza por Deus para Adão, é ainda a mesmissima, que, pelas veredas da vida, levamos cada um de nós; o selvagem como o parisiense, o tártaro como o portuguez, o pontifice como o rustico. Afóra esta sciencia que o homem se não deu, nem se podia dar a si mesmo, uma só das por elle creadas, se pavoneou com o titulo de certissima, e ainda essa — essa por quem se poderia poeticamente dizer que não é infallivel senão porque se engolfa pelos céus — ¿que sabe ella? — ¿além de contar, e medic grandezas e movimentos que nos póde affirmar do que mais ha d'ahi para dentro, da natureza dos planetas, da sua formação, da força primordial, que os fez correr pela immensidade sem perturbação, nem cançasso, nem desvio d'essas órbitas, unica circumstancia de sua mysteriosa existencia, que nos ufanamos e com razão de ter sabido calcular?

No meio de tanta ignorancia do sensivel, tantas luzes moraes convergentes para verdades espirituales da primeira importancia, facilmente deixam presumir, que, ou o primeiro principio e regedor do universo quiz aclarar-nos já cá em baixo com os arreboes propheticos do dia que não ha-de ter noite, ou que, segundo muitos philosophos piedosos conjecturam, duram ainda no genero-humano, confusas reminiscencias, pela tradição conservadas, de revelações, mediata ou immediatamente feitas á primeira familia no primeiro seculo do mundo. Mas ou sejam ambas estas coisas ou uma só, e qualquer d'ellas, não é menos evidente, que o homem religioso existe de feito dentro em nós, e que se algumas vezes parece confundido, e até anniquilado no homem profano que o envolve, ao bater das horas solemnes das desgraças ou da morte, reapparece ou ressurge, e engolfa es seus olhos de lynce aavez da escuridão da natureza, até ao ente infinito a cujos pés ella se revolve.

¿Mas então ao menos logrará elle cohecel-o? ; elle! elle, que de si proprio nada mais sabe que a sua ignorancia, a sua dependencia, e que tem uma lei, e que o aguarda um porvir mysterioso, elle, que não explicaria a folha do pinheiro, elle, o homem, abranger a Deus! « Não, exclama o apostolo das gentes, vel-o nós outros não o podemos, senão só o reflexo que d'elle cae sobre o espelho d'este mundo; vemol-o n'um enigma. Para o diante, hemos de contemplal-o de face a face. Mas não agora: agora só o conheço em parte, e então tão perfeitamente o hei-de conhecer como elle a mim me conhece. » — ¿Mas este parcial e imperfeito conhecimento que temos do Creador será porventura bastante, para estabelecer entre elle e nós algumas relações? — Indubitavelmente: e estabelecidas estão ellas ha muito, pela fé, na lei da Graça e na lei Escripta; pela tradição desde o comêço das eras

na lei natural; e além d'isso em toda a parte e em todos os tempos pelos simplicis dictames da razão humana.

A adoração nascida no Paraizo veio desfigurada e amortecida sob o pêsso e trevas das diversas idolatrias, atravessando as edades até á nossa, para ir ainda ávante desde a nossa até á derradeira. O que o homem por sua mesma natureza ou por graça ou pela tradição das primitivas eras sabia e não podia ignorar do seu ser e dos seus destinos, persuadia-o, obrigava-o aos actos da mais humilde e respeitosa vassalagem. Estes actos porém não podiam bastar-lhe; adorava porque o pêsso de uma immensidade de gloria o prostrava sobre o pó como um átomo atirado pelo vento para cima de outros átomos. Mas este átomo era sensitivo; e os átomos sensitivos ou brutos, que o rodeavam, podiam influir, ajudando ou contrariando, no cumprimento de cada um de seus desejos mais amados; os insensíveis não podiam ouvir as suas supplicas; os racionais eram tão fracos e desvalidos como elle: a sua prece tinha de subir até encontrar quem podesse acolhel-a e despachal-a: a sua prece subiu por consequencia até onde a sua adoração se havia elevado: o orar foi pois como o adorar, uma expressão natural e necessaria da pequenez e dependencia humana, e da crença e confiança n'uma bondade mais que paternal, divina e indefectivel.

A necessidade de orar e adorar é de tal modo congénita á nossa constituição, n'este mundo movediço, — movediço como náu que viaja por entre temporaes e escolhos, que o proprio culto das falsas divindades, em que o homem delirante decompôz a idéa da divindade uniea e verdadeira, como no prisma se decompõe o raio do sol, era ainda, postoque viciado, um documento d'isso mesmo.

¿Mas não se poderá oppôr a este consenso universal da oração alguma razão por onde se argua de enganadora a consciencia do genero humano? Eila-aqui. «Supplicar ao Creador, que siga ávante no cumprimento de seus designios em todos os pontos d'elles, é superfluidade insensata; pedir-lhe que em alguma parte os mude por bem nosso, é tental-o, desatinar e blasfemar. Melhor do que nós sabe Deus o que nos convém, porque é omnisciente: mais de que nós o queremos o quer elle porque é bonissimo; e immutavel não poderia, ainda querendo (se o podesse querer) mudar coisa alguma no que *ab eterno* decretára. Logo a supplica nada pôde impetrar em favor dos nossos desejos mais do que simplesmente a graça.» — Grande contradicção! ¿E pois essa graça poderia deixar de estar igualmente prevista *ab eterno*? ¿Se pela minha préce eu não posso obter um determinado bem que solicito, como poderia obter o da graça? ¿E se o da graça é conseguivel, mediante a oração christã, porque o não seria outra qualquer coisa, como n'ella se não involvesse peccado ou occasião alguma d'elle? — Ou este apparatuso argumento das infinitas perfeições divinas nada prova contra a efficacia da oração ou prova demais, porque de consequencia rigorosa em consequencia rigorosa destruirá todo o culto externo e interno, apagando a final até o ultimo vestigio da adoração divina. Mas digamos antes francamente que nada prova. — Se já a natureza, se já a mínima parte d'ella tem arcânos impenetraveis; como não seria mysterio de mysterios e todo mysterio o Ente supremo? Toda a profundidade

dos theologos e dos philosophos esmorece e se anniquilla na sua consideração, porque não ha metter oceanos em conchinha de praya. Do amor e saber que hão-de ser a nossa sorte, o amor só nos principia cá em baixo. No amor se cifra a lei. Os pontos, de que se compõe a crença, não os descobre o discurso: — são nos impostos pela fé: ¿e de que serviria e que provaria com effeito a análise humana, (que, tendo-se formado sobre a experiencia, não pôde transcender os limites da natureza) quando se applicasse ás coisas de uma ordem totalmente estranha, e inaccessible aos sentidos? A' meza da religião só o coração acha banquete, o intendimento é o Lazaro mendigo que implora as migalhas, que d'ella caem. — Deus, comprehensivel pelos nossos juizos, deixaria de ser Deus.

Era entretanto necessario, visto que a sua existencia não consentia duvida, e as relações entre elle e o homem eram demonstradas pelo modo, porque mais claramente o podiam ser, pelo senso íntimo, — era, dizemos, necessario — que o homem creasse uma linguagem, a menos imperfeita que lhe fosse possivel, para fallar d'elle e com elle: d'aqui nasceram as distincções de qualidades n'um ente simples, os attributos de poder, de sciencia, de justiça, de misericordia, de immutabilidade, — sendo que as coisas, a que, por nossa insciencia, damos todos esses diversos nomes, devem lá ser uma só e a mesma; a justiça, misericordia. — a misericordia, justiça, — a misericordia e justiça, sciencia, — a sciencia, misericordia e justiça, poder: e assim por diante.

Da mesma inexperiencia, imperfeição e grosseria nossa nasceu ainda toda essa linguagem figurada, com que nós e até os livros inspirados, mas inspirados para as medidas da nossa comprehensão, nos representam a Deus, sob certas fórnas e com certas condições humanas, como quando dizemos — Deus fez o homem por sua mão; Deus soprou na face de Adão: o Padre tem á dextra o Filho: o Coração divino é misericordioso: os olhos de Deus penetram em toda a parte, etc.

D'este systema de analogias aliás necessario, tem-se caminhado de uma primeira expressão figurada por uma série de inducções, até ás mais absurdas consequencias.

Sem termos a sacrilega presumpção de havermos comprehendido, melhor que outrem qualquer, ao incomprehensivel, nós vamos procurar conciliar as apparentes contradicções, que, por este vicioso methodo de argumentar da creatura para o Creador, parecem achar-se entre os chamados attributos divinos e a efficacia das supplicas do fiel.

Deus é immutavel; — como tal, dizem, nenhum rogo o poderia fazer alterar clausula alguma nos seus projectos. — Deus é na verdade immutavel na sua substancia, nas suas idéas, nas suas vontades, mas d'essa immutabilidade de Deus não se conclue, como á primeira vista parece, a immutabilidade das coisas que elle deixou, por qualquer modo, sujeitas á vontade livre do homem. Desde que admittis, que podemos obrar bem ou mal, e, que o bem ou mal que obrarmos, hão-de reactivar sobre nós e o nosso destino, sois obrigados a envir em que a immutabilidade divina exprime uma idéa, que não estamos habilitados para apreciar, mas que não exclue o que a nosso respeito e na nossa linguagem podemos chamar mu-

dança: — quem dirá, por exemplo, que Paulo perseguidor e Paulo convertido, encontraria em Deus as mesmas disposições e receberia d'elle eguaes enchen-tes de graça? — Logo aquella mysteriosa immutabilidade nenhum argumento vos póde offerecer. Demais, folheae os livros sanctos, vós abi achareis de continuo n'uma linguagem, certamente figurada, mas nem por isso menos terminante, a expressão de mudanças e até de arrependimentos em Deus: — d'entre mil exemplos escolheremos, para citar, só tres ou quatro. — Quando a corrupção moral chegou ao ponto de desafiar um dilúvio: «pezou a Deus — diz o Genesis — o haver feito o homem.» — A Loth, que lhe pede salve da destruição uma cidade condemnada; responde pela bocca do seu anjo: «acceito as tuas preces, e já não afundirei a cidade por quem intercedes.» — Elrei Ezechias está doente: o propheta Isaías lhe intima da parte de Deus, que vae morrer. Ezechias ora e debulha-se em lagrimas. Deus lhe torna logo: «ouvi a tua oração e vi as tuas lagrimas: estás curado: d'aqui a tres dias irás ao templo: e ao já vivido te acrescento agora mais quinze annos.» — Nínive é formalmente avisada pelo propheta do Senhor, de que dentro em quarenta dias vae ser subvertida. O rei e o povooram e fazem penitencia, e Nínive é salva. — Combatiam os hebrêus com os amalecitas: orava entretanto Moysés sobre o monte, implorando com as mãos postas a victoria: — notavel exemplo do poder da oração sobre Deus! — Todas as vezes que Moysés levantava mais as mãos com a supplica, levavam os seus a melhora, diz o sagrado texto; mal que as deixava descaír, recobravam vantagem os inimigos.»

Todos estes exemplos descobrem mudanças manifestas, sem contrariarem porém a immutabilidade; porque de todas estas mudanças, que tão ao certo o foram em relação ás creaturas, nenhuma o foi da parte de Deus. O Auctor da natureza e dos successos previu e quiz, desde toda a eternidade, tudo quanto no decurso do tempo occorreria. O cumprimento do que chamamos leis da natureza, não é mais lei, nem mais providencial do que isso que julgamos excepções ou quebrantamentos d'ellas. Essas apparentes excepções coexistiram na eterna mente com as regras: e não são milagres senão relativamente á nossa experiencia, ou se milagres são, são n'o tanto como todas as mais simples occorrencias do universo. A enfermidade mortal de Ezechias, *verbi gratia*, não fôra primeiro sabida por Deus do que a sua oração, as suas lagrimas, e a cura, que, em virtude d'essas lagrimas e d'essa oração, se havia de seguir. Foi uma serie de causas e effectos desusual e desconhecida aos vèrmes da terra, mas que fazia integralmente parte da natureza; segundo a traça occulta do seu formador.

Se Deus podesse ter desde o principio ignorado as preces, que se lhe haviam de dirigir e por ellas no acto de as receber se visse necessitado a alterar as suas predisposições, então sim, que se poderia dizer que Deus era mudavel na sua essencia; mas então se havia de dizer tambem, que não era Deus, e que o não havia.

Fallemos claro.

A immutabilidade no sentido em que se póde tomar, para que d'ella saia argumento contra a virtude impetrativa da préce, aniquilariá igualmente os effectos sobrenaturaes de qualquer outro acto huma-

no: arrasaria, pelos fundamentos, toda a immensa e necessaria fabrica do systema religioso, e tão miseravelmente arrasada, que nenhuma outra religião, verdadeira nem falsa, se poderia em seu logar instituir; o mundo não teria sobre si mais do que uma divindade de Epicuro, verdadeira viga dormente no charco das rãs da fabula.

Mas este ponto — digam o que lhes aprouver os enjoadiços — merece pela sua importancia, attenta momentaneamente a carencia de luzes religiosas que ainda padece o povo, que o desinvolvamos e ellucidemos um pouco mais.

Eis o que diz um theologo respeitavel, Mr. Bergier. — «Quando a Deus oramos, que nos perdõe, «que nos outorgue esta ou aquella graça, que não «puna a um peccador vivo ou finado, não supponho «que haja Deus de mudar de vontade ou resolução; «supponho sim que Deus anteviu *ab eterno* a oração, «que lhe fazemos, e quer despachal-a. O que da im- «mutabilidade de Deus se infere, é que elle cumpre «todas suas promessas, mas não se infere que rea- «lise todas suas ameaças; porque em sua mão está «o perdoar, sem faltar á sua justiça.» Rematemos esta explicação com uma imagem, que nol-a torne mais perceptivel.

Presupposto o que se não póde negar, que o homem é livre para observar ou infringir o que Deus, na lei religiosa e na lei da consciencia, lhe escreveu, segue-se, que o homem póde collocar-se para com Deus em diversas relações; logo em Deus ha, para o homem, approvação ou reprovação. — Supponhâmos, figuradamente fallando, que Deus tem na sua mão direita a sua approvação na sua mão esquerda a sua reprovação, e em si a vontade firme de dar uma ou outra segundo o merito ou demérito: o peccador, que se converte, tira-se diante da sua reprovação para se ir collocar diante da sua approvação, o justo, que se perverte, tira-se diante da sua approvação para se ir collocar diante da sua reprovação.

Eis-aqui em Deus a mudança e a immutabilidade: — a immutabilidade na substancia, nas idéas e na vontade; — a mudança só nos effectos e em relação a quem a si mesmo se quiz mudar: é assim que em tórno do sol, centro fixo d'este nosso systema, giram as esphéras, que o compoem, tendo cada uma d'ellas, por virtude dos seus movimentos, as variações do dia e noite, do calor e do frio, das estações desabridas ou amoveis. Com ser immovel o sol; a elle só referem os nossos sentidos, o nosso uso de fallar, e a opinião de todos os irreflexivos e indoctos, as alternativas por que passamos com a terra. O sol anda longe ou anda perto, o sol nasceu ou sumiu-se; encobriu-se-nos o sol ou abra-sa-nos, dizemos nós: e tudo isto o fez rodear do orbe, que o sol lá está o mesmo, claro, indefectivo, vivificante, — emblema, pequeno, grosseiro mas unico, do Sol Eterno para onde todos os espiritos gravitam.

(Continuar-se-ha.)

N.B. Sem embargo da importancia do assumpto, fomos necessitados a cortar aqui este escripto, no começo do raciocinio e antes de verdadeiramente chegados ao âmago da questão.

VARIÉDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

13 DE FEVEREIRO DE 1734.

2665 BEMDIGAMOS hoje a memoria de um dos mais benemeritos da lingua portugueza, o padre Bluteau.

A sua vida e os seus feitos litterarios, se os podéramos narrar aqui todos, seriam obra tão extensa quão maravilhosa. Limitar-nos-hemos pois em resumir o muito que d'este sabio escriptor cumpria dizer-se, sem até sairmos dos famosos prologos do seu Vocabulario; onde nos deixou elle mesmo escripta grande parte da sua vida.

Em Londres, era de 1638, nasceu Raphael Bluteau, de paes francezes. Aos dez annos entrou no collegio dos jesuitas em Pariz, onde começou logo a manifestar aquelle vigoroso ingenho que ao depois tanto o afamou: fez d'ahi a poucos annos profissão no instituto de S. Caetano, em Florença, e aprendeu as sciencias maiores em Verona e Roma. Adquiriu singular reputação no pulpito, pelo que foi nomeado prégador da rainha de Inglaterra.

Tinha trinta annos quando veio a Portugal, a cujo clima e habitantes se affeioou muito (como de assaz demonstrou depois): fizeram-n'o logo Preposito da casa dos clérigos regulares da Divina Providencia e Qualificador do Sancto officio.

Desde então se deu afincadamente ao estudo da nossa lingua, por quanto quarenta annos depois, diz elle em um dos prologos do dictionario « raro fôra o dia em que se não aproveitasse d'alguma noticia na lingua portugueza. » Foi esta porfiada diligencia, e tão heroica ousadia, a par do seu universal saber e da noticia que tinha de muitas linguas, o que lhe alcançou levar a cabo a sua grande obra do *Vocabulario Portuguez e Latino etc.* Algumas das suas respeitaveis declarações poremos aqui para cabal conhecimento do incrível estudo e perseverança que empregou n'esta obra verdadeiramente monumental.

« Trabalhei n'este obra mais de trinta annos. « Duas vezes escrevi de minha letra os oito « volumes que vão saindo á luz, e outras duas « vezes foram os ditos volumes trasladados e pos- « tos em limpo por diversos escreventes. »

N'outra parte:

« Para a execução d'esta laboriosa empresa, « *quae totum hominem desiderat*, fui precisado a « tirar-me da predica e renunciar os emolu- « mentos d'ella, que pela continuação de muitos

« annos importariam a estas horas muitos mil « cruzados. De todo este lucro cessante, e dam- « no emergente não fiz caso; não attendi ás adver- « tencias dos amigos que duvidosos da possibili- « dade do successo me aconselharam que fizesse « d'este parto um aborto; não me desanimaram « as contrariedades dos emulos, que com indis- « cretas criticas procuravam escurecer a obra an- « tes de saída á luz. Como eu não levava outro « fim que a gloria de Deus, e a utilidade pu- « blica, todos os obstaculos me pareciam chi- « mera e espantalhos de pusillanime.

Após muitas contrariedades publicou a final o seu *Vocabulario* na imprensa da Universidade de Coimbra; os oito volumes, em nove annos successivos, desde 1712 até 1721: e depois o *Supplemento* na da Academia Real, n'este ultimo anno, tudo em folio. O acanhado espaço que podemos tomar n'esta folha, não nos consente soltar a vontade que tinhamos de substanciar aqui as importantes e auctorizadas approvações dos censores, que superiormente contrastearam esta obra, elogiando os seus meritos e o incrível trabalho com que um só homem alcançou levar a cabo, este grandioso monumento da lingua portugueza.

Depois de haver escripto e publicado muitas outras obras que todos conhecem, e de fazer admirar o seu ingenho e erudicção em todas as nossas academias do seculo passado; recolhido no seu convento dos Caetanos d'esta cidade, falleceu o padre D. Raphael Bluteau faz n'este dia cento e onze annos, tendo noventa e seis de idade, todos (¡ menos dez!) gastados em estudos e obras de grande nomeada!

Lembrámos de passagem, que, estando agora o instituto do Conservatorio Real, na extincta caza da Divina Providencia, e tendo, com muita honra sua, conservado a egreja e o culto divino que alli se celebrava no tempo dos clérigos, bem era que pozesse na verga do arco da cella em que falleceu Bluteau, uma inscripção por honra e memoria d'este infatigavel cultor e benemerito da lingua patria. *Silva Tullio.*

NOTICIAS.

ABALOS POLITICOS NO REINO.

BOLETIM DO TELEGRAFO DO CASTELLO, 5 DE FEVEREIRO DE 1844.

Serviço da linha do norte.

Do telegrafo de Santarem. = A S. Ex.^a o ministro do reino. = Do governador civil.

2666 HONTEM á noite se levantou em Torres Novas o grito

da revolução; estão soldados nas estradas; ignora quem é o chefe, e peço providencias. = Em 5 do corrente. = *José da Silva Pereira*, alferes commandante da divisão telegraphica central.

BOLETIM DO TELEGRAFO NO CASTELLO, 6 DE FEVEREIRO DE 1844. = ÀS 10 HORAS E 40 MINUTOS.

Serviço da linha do norte.

Do telegrafo em Santarem. = A S. Ex.^a o ministro do reino. = Do governador civil.

Apresentou-se aqui hoje, ás oito horas da manhã, o Pina, commandante do regimento de cavallaria n.º 4, com vinte e seis cavallos e quatro officiaes, sendo esta a força que hontem passou ao sul do Tejo, na Barquinha. = Em 6 do corrente. = *José da Silva Pereira*, alferes commandante da divisão telegraphica central.

BOLETIM DO TELEGRAFO NO CASTELLO, 6 DE FEVEREIRO DE 1844. = ÀS 12 HORAS E 15 MINUTOS.

Serviço da linha do norte.

Do telegrafo em Thomar. = A S. Ex.^a o ministro do reino. = Do administrador do concelho.

Hontem ás onze horas da noite chegaram aqui os sublevados de Torres Novas. Sessenta cavallos commandados por Cesar de Vasconcellos, acompanhado por José Estevão e alguns paisanos, e hoje ás nove horas e meia da manhã marcharam na direcção do Fundão. = Em 6 do corrente. = *José da Silva Pereira*, alferes commandante da divisão telegraphica central.

Em consequencia d'estas noticias e de vehementes suspeitas, de que de Lisboa procediam, e em Lisboa se favoreciam e se projectava imitar estes movimentos.—o governo mandou logo prender alguns cidadãos; e, apresentando-se no parlamento requereu e obteve a seguinte lei:

Dona Maria, etc.

Artigo 1.º Fica o governo auctorizado para usar por espaço de vinte dias, em todo o reino, de poderes extraordinarios e discricionarios, segundo as circumstancias o exigirem, a fim de atalhar a rebellião que rebentou em Torres Novas.

Art. 2.º Durante o mesmo prazo ficam suspensas, em todo o reino, todas as garantias individuaes, e poderá o governo mandar prender sem culpa formada.

Art. 3.º Durante o mesmo prazo nenhum jornal, periodico, ou escripto, impresso ou lithographado, poderá ser publicado.

§. unico. São exceptuados d'esta disposição os jornaes litterarios e scientificos, os Diarios das camaras legislativas e o do governo.

Art. 4.º Fica igualmente o governo auctorizado para realizar, por qualquer meio que julgar conveniente, os fundos necessarios até á quantia de dois mil contos de réis.

Art. 5.º Findo o referido prazo, o governo dará conta ás côrtes do uso que tiver feito das faculdades que esta lei lhe confere.

Art. 6.º É o governo relevado pelos procedimentos illegaes e extraordinarios que tiver ordenado para a manutenção da ordem e segurança publica até ao momento actual.

Art. 7.º Esta lei principiará a ter effeito e execução desde o dia da sua publicação no Diario do Governo

Art. 8.º Fica revogada toda a legislação em contrario. Mandâmos, etc.

ASSASSINIO.

2667 DEPLORA o *Tribuno*, jornal d'esta cidade, que tendo apparecido na villa d'Almada, morta com uma facada, certa mulher, amásia de um tanoeiro, homem temido n'aquelles sitios por sua malvadez, e indo elle por insinuação de outro que tal, chamar o escrivão Marianno, este fosse effectivamente com um cirurgião — para fazer o auto da autópsia e corpo de delicto, deixando porém de o lavrar n'aquelle dia, guardando-se para o seguinte, no qual tambem se não effectuou; e todavia o escrivão dera ordem para se enterrar o cadaver sem o competente bilhete, nem o auto legal!

Accrescenta mais, que a assassinada era constantemente mal tractada pelo homem com quem vivia; que ha quem n'ó visse em casa antes d'ella apparecer morta; e espanta-se de que o escrivão (não obstante dizer-se que na mesma noite estivera bebendo com o tanoeiro) fizesse enterrar a mulher, cuja morte lhe foi participada por elle.

Ultimamente requer ao Sr. ministro da justiça as providencias que o caso demanda, sendo verdadeiro, para evitar as consequencias que podem resultar de taes escandalos da justiça, ponderando que o supposto assassino é tão temivel que anda gente fugida por não se atreverem a ser testemunhas contra elle!

Todas estas ponderações são mui urgeutes e judiciosas. É mister que a auctoridade, mormente a judicial, tenha toda a força e inteiresa que nos abonem a publica segurança, que lhe está confiada.

Recommendâmos este facto extraordinario á superior vigilancia e infatigavel actividade do Sr. Procurador Regio.

ARROZ COM ALVAIADE.

2668 DA freguezia de Sancto Quintino, nos escreve o Sr. José Christovam França contando o seguinte:

«Joaquim Soares, pedreiro, morador na referida freguezia, foi chamado para fazer certa obra no lugar Cabaço, freguezia de Arranhó. A 15 do mez passado mandou-se buscar para o seu trafego meio aratel d'alvaiade, e um de zarcão; e de caminho dois de arroz para a cêa. O portador metteu tudo n'um sacco, e quando chegou a casa reparou o mestre em que o papel do alvaiade se tinha rompido, misturando-se muita parte d'esta droga com o arroz.

Não obstante, disse elle, á dona da casa onde estava alojado, que o escolhesse e lavasse bem que ainda poderia servir. A boa da mulber que naturalmente tinha ouvido dizer muita vez, que *o que não mata engorda*, lá cosinou conforme pôde o arroz e o alvaiade sem escrupulo nenhum.

Veio a cêa para a mesa, e não só se assentou a ella o mestre pedreiro, mas toda a familia da casa. Principiaram a comer affoitamente, todos sem repugnancia alguma, e mostravam ir-lhes sabendo muito bem, quando o estomago do resignado alvanel se rebelou contra o veneno que lhe estavam embutindo. Queixou-se de estar enauseado, e attribuiu-o logo ao alvaiade. Diziam todos que não, e reparando elle no seu prato, o distinguiu logo, achando até uma bolinha d'elle que parecia um confeito, com a qual se pôz a riscar na arca em que estava sentado. Apesar d'isto a dona da casa rindo-se da *má bocca* do seu hospede, ateimou que uns *póses* tão branquinhos não podiam fazer mal a ninguem, e rogou-lhe que não fizesse cerimonia, e fosse comendo sem susto. E assim fez o pobre homem (¡que docilidade aquella!) até que chegando-lhe vomitos, se levantou da mesa para a cama, com arripiamentos de frio, muitas ancias, dôres no ventre, os dentes abalados, e outros symptomas de envenenado.

Acudiram-lhe a tempo, e postoque a 18 ainda mettia dó vel-o todavia ficava livre de perigo.

Toda a familia padeceu seu incommodo, ainda que mais leve, porque não comeram tanto; o criado da casa porém esteve tambem muito mal.»

Sancto Quintino 22 de janeiro de 1844, *

METAMORPHOSE AO DIVINO.

2669 A um periodico do Porto escreveram da cidade d'Angra, referindo-lhe que no dia 7 de outubro levaram os irmãos do Carmo em procissão uma imagem de Sancta Philomena, cuja historia é curiosa. O sineiro da Sé tinha a seu cuidado um S. João Evangelista, e julgando que d'alli podia a sua habilidade fazer uma bonita sancta, deitou-lhe fóra as barbas, pintou-lhe o rosto (naturalmente como a cara d'elle) pôz-lhe uma cabelleira d'anneis, vestiu-o de mulher, e saiu-lhe a sancta muito a contento de todos!

Não nos admirou que isto succedesse lá nas ilhas, quando aqui, no coração da cidade, certo proprietario de um dos conventos arrematados, escolheu um S. Gonçalo d'Amarante, esculpido em pedra, para d'elle fazer uma Venus de Paphos, para o seu jardim, como já contámos n'outra parte.

PROPHETISA.

2670 A COALLISÃO refere o seguinte facto sob o titulo *Um processo d'esta época.*

«Digam-nos ainda que o espirito retrógrado do ministerio se não vae encasando em todos os corpos, e de todas as classes. Vejam o seguinte facto; vejam como se pretende fazer reviver a ord. liv. 5.º tit. 3.º completamente baseada nas superstições romanas, e que se expressamente se não acha derogada, é porque ha leis que disso não precisam, porque a illustração as torna completamente nullas, e obsoletas.

Anna de Jesus, solteira, é residente no lugar de Moreira de Baixo, julgado de Senhorim. Se ainda é moça, e se é fea, ou formosa, isso não sabemos nós. Ella nem lê, nem escreve, e é criada de Joaquim Pires de Azevedo Loureiro. Anna de Jesus, julgando-se possuida de um espirito sobre-natural, prophetisa a hora em que entram no céu as almas de alguns finados, não sem que ordene que se deem esmolas, e se digam missas. Leva os credulos a fazer escusadas romarias, e despezas; e obriga pessoas de timorata consciencia a fazer rigorosissimas penitencias. O maligno espirito d'esta mulher já se vae encaixando em outras, que se dizem igualmente inspiradas; a molestia é contagiosa; — já se manifesta em Agucira, e Carvalhal Redondo, onde ordinariamente Anna de Jesus costuma obrar seus milagres. Ahi, na ermida de Nossa Senhora do Vizo, já se acha um retabulo em que ella está pintada nos braços de duas mulheres em acção de prognosticar, e vêr subir certas almas ao céu; e para que isto não viesse em duvida, assim constia de uma legenda no mesmo retabulo.

Com toda aquella ousadia que o maligno espirito costuma influir nas creaturas de que se mette de posse, Anna de Jesus abalança-se a dizer: — «Se me não acreditais, ficareis excommungados.» Que horror! . . . e familias inteiras. . . e as povoações de entorno. . . tudo. . . tudo já creê, e tudo está já quasi a prophetisar; tudo anda revolto, e apregôa voz em grila os milagres da Anna prophetica. Se a isto se não acode, que será do throno e do altar?

Acudiu-lhe o ministerio publico do julgado de Senhorim, que cheio do amor de Deus e da patria, abriu a ord. liv. 5.º tit. 3.º, que se inscreve — *Dos feiticeiros* — e no fim do § 3.º leu o seguinte: — «E estas penas (as dos feiticeiros) haverá qualquer pes-

«soa, que disser alguma coisa do que está por vir, «dando a entender que lhe foi revelado por Deus, ou «por algum sancto, ou em visão, ou em sonho ou «por qualquer outra maneira. Porém isto não haverá logar nas pessoas, que por astronomia, vendo «primeiro as nascenças das pessoas, disserem alguma coisa, segundo seu juizo e regra da dicta «sciencia.»

Não é preciso mais. Está salva a religião e o estado que corriam evidentissimo perigo. A instancia do sub-delegado se levanta um formosissimo auto de que-rela perante o juiz ordinario de Senhorim. Duas testemunhas formam o corpo de delicto; desanove depoimentos mais preenchem um estiradinho summario. A prophetisa é pronunçada no 1.º de dezembro de 1842, e não sabemos que astuto demonio lhe inspirou que aggravasse para a relação!

Continuaram por ventura nossos leitores a ouvir fallar nas predicções de Anna de Jesus, solteira — na visão das almas, que coriando os ares transparentes, entravam pelas portas do céu, como nós por nossas casas? Crêmos que não; e até nem ao menos a tal respeito vimos cousa alguma estampada pela imprensa opposicionista, que é sempre a mais tagarella.

É porque com effeito a Divina Providencia nos acudiu, afastando a medonha tempestade, que assolára grande parte do julgado de Senhorim, que assolaria a comarca inteira, e que ameaçava estender-se por toda a terra portugueza!

E decorrido um anno e vinte e um dias, a relação d'esta cidade, congratulando-se por vêr arredado tão grande perigo, em 22 do corrente mez de dezembro deu provimento ao agravo, mandando dar baixa na culpa, e remettendo o ministerio publico para outros meios de fazer corrigir um desvario de que se rira a actual civilisação.

Pobre prophetiza de aldêa, que se via em camiza de onze varas, se a relação lhe não acudisse!

Até aqui a *Coallisação*.

Agora diremos nós que o espirito de censura com que o seu artigo está escripto nos parece inteiramente desacertado. É evidente que o fanatismo e superstição das ordenações velhas foram derogados pela philosophia, mas não é menos evidente que a velhaca Anna de Jesus se tornou sobre modo merecedora de castigo abusando da credulidade do povo, escarnecendo de objectos respeitaveis, e contribuindo de facto quanto lhe era possivel para remorar os progressos d'essa mesma philosophia do seculo com que o auctor tanto blasona. Se as auctoridades tivessem consentido que essa ladra continuasse a espoliar e fanatisar o vulgo, entendemos que a imprensa as punisse despiedada, mas porque preenchem o seu dever e ao mesmo tempo servem á illustração! . . . O assumpto para maldizer foi d'esta vez escolhido com a mais deploravel infelicidade.

ERRATUM.

No artigo n.º 2607, a pag. 279, col. 2.ª, lin. 62, onde está — *excedia a seis palmos* — deve estar — *não excedia a tres palmos*.